



O Ideário Patrimonial О идеарио

Heranças Patrimoniais
enquanto Partilha de Saberes

FRANZ BOAS E A DESCONSTRUÇÃO DAS FALÁCIAS RACISTAS, COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DE PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

Aparecido Donizetti Galdino

Graduação em História - UNINTER, Brasil

donizettigaldino@gmail.com

Luana Campos

Docente do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural

(PEP/MP/IPHAN), Brasil

lcampos.ms@gmail.com



Franz Boas e a Desconstrução das Falácias Racistas, como Ferramenta de Análise de Problemas Contemporâneos

Aparecido Donizetti Galdino

Luana Campos

Historial do artigo:

Recebido a 02 de outubro de 2017

Revisto a 17 de outubro de 2017

Aceite a 31 de outubro de 2017

RESUMO

Entre o final do sec. XIX e meados do sec. XX, o mundo presenciou a elaboração de diferentes teorias, apoiadas pelas ciências humanas e biológicas, que sustentaram a legitimação de comportamentos humanos racistas e discriminatórios como consequência de processos de hierarquização, tidas como naturais e irrefutáveis inerente ao evolucionismo seletivo. Contudo, existiram pesquisadores, como Franz Boas, que atuaram ativamente na desconstrução dessas teorias comparativas, por meio de práticas científicas pautadas na observação e na abordagem de novas correntes interpretativas, como o historicismo, sendo decisivo na ampliação dos horizontes acadêmicos.

Entretanto, apesar de passados mais de 70 anos do processo de desconstrução das teorias racistas comparativas, ainda é possível observar vestígios dessa incorporação dos ideais discriminatórios na memória social conduzindo ações em diferentes esferas.

Palavras-chave: Racismo; Teorias; Franz Boas.

ABSTRACT

Between the end of the 19th century and the middle of the 20th century, the world witnessed the drafting of different theories endorsed by human and biological sciences, which supported the legitimation of racist and discriminating human behaviors as a consequence of hierarchizing processes, regarded as natural, indisputable and inherent to selective evolutionism. However, there were researchers like Franz Boas who actively invested in the deconstruction of such comparative theories by means of scientific practices guided by observation and approach to new interpretative positions, as historicism, being decisive in the broadening of academic horizons.

Nevertheless, despite 70 years of deconstructing comparative racist theories, it is still possible to observe traces of discriminatory ideas in the social memory of certain groups, leading to racist actions in different spheres.

Key-words: Racism; Theory; Franz Boas.

1. Introdução

Como cada um de nós gostaríamos de ser lembrado? Parte da resposta está relacionada com nossos valores pessoais adquiridos ao longo de anos de estabelecimento de contato com os grupos da sociedade. Esses valores contribuem com nossa singularidade e acabam exercendo influência quanto ao olhar que as pessoas terão de nós.

Além da maneira que somos ou seremos lembrados, nosso tempo, ou época, também costuma ter suas peculiaridades quanto a moral, a ética, as relações sociais e políticas que farão parte da memória individual ou coletiva (OLIVEIRA, 2017). Devido a isso, num tempo futuro, podemos conjecturar que será difícil aos pesquisadores sociais reverem o Brasil deste período do século XXI, sem se resvalarem com a corrupção que abarca o Estado em seus três poderes.

Tal cenário pode ser atribuído, em parte, às grandes desigualdades sociais instaladas no país, em decorrência de processos históricos de exclusão que reforçaram no ideário coletivo a legitimação das relações hierárquicas como naturais.

Partindo deste princípio historiográfico, poder-se-ia atribuir a Europa do século XIX até meados do século XX um período muito particular do ponto de vista do florescimento das teorias, consideradas atualmente como discriminatórias, apoiadas em conceitos “científicos” generalistas, como apresenta, Trigger:

“Entre 1850 e 1945, deu-se grande ênfase a explicação biológicas, e mais especificamente raciais, para as variações do comportamento humano. Demonstrações científicas de que explicações desse tipo não se sustentavam em instâncias específicas não tiveram força para abalar a crença, amplamente difundida entre os estudiosos, na validade genérica de uma concepção racista.” (2004: 22)

Essas teorias corroboraram com o surgimento de diversos pensamentos pautadas no poligenismo que reforçam a legitimidade de relações hierárquicas em diversos setores da sociedade.

2. Racismo Científico

As teorias que mais se destacaram no meio das chamadas Ciências Sociais foi a teoria do Darwinismo Social, criada após a publicação em 1859 da obra “Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural” de Charles Darwin, utilizando conceitos como a “sobrevivência do mais adaptado” de forma errônea, tal como apresenta Gloria (2009). A teoria do Darwinismo Social foi criticada e adaptada, ao longo dos anos, por exemplo.

Marx tentou transpor as ideias darwinistas para uma explicação crítica da sociedade. Contudo, outros pensadores as utilizaram para explicar e justificar a sociedade estratificada produzida, na

época, pelo capitalismo industrial. E foi esta alternativa que acabou originando o darwinismo social (BOLSANELLO, 1996: 153-154).

O principal mentor do darwinismo social, tal qual mencionado por Bolsanello (1996), foi “Herbert Spencer”, seguido por outros nomes de destaque, como, “**Edward B. Tylor, Lewis Morgan e James Frazer**” (OLIVEIRA, 2014). Segundo Spencer, “a vida na sociedade humana é uma luta natural pela vida, sendo normal que os mais aptos tenham acesso ao poder, fiquem ricos e, é igualmente normal, que os menos aptos fracassem, sejam pobres e sem poder” (BOLSANELLO, 1996: 154, *Apud.* BLANC, 1994) perpetuando uma interpretação equivocada da teoria de Darwin. Lembremo-nos que o darwinismo social não trilhou o caminho do etnocentrismo sozinho:

[...] ao darwinismo social concorreram outras ciências, como a genética, a psicologia, a neurologia, a sociologia, a antropologia e a etnologia. A genética considerou que a definição e a hierarquização das raças se baseavam em caracteres aparentes (cor da pele, textura do cabelo, forma do crânio). A psicologia e a neurologia buscaram comparar o rendimento intelectual (testes de QI e aptidões) dos indivíduos ou dos grupos e a análise das diferenças logo se transformou em estudo das relações de superioridade e inferioridade. A sociologia tentou aplicar o resultado de pesquisas biológicas e genéticas feitas em animais aos homens e difundiu o conceito de ‘limiar de tolerância’ como recurso natural para justificar a rejeição das minorias. A antropologia e a etnologia definiram as raças como resultado de uma divisão da humanidade em função de características físicas transmissíveis (BOLSANELLO, 1996: 154, *Apud.* JACQUARD, 1984).

Sobre a generalidade com que as áreas de conhecimento são apresentadas acima, é preciso considerar que tratam-se de conceitos trazidos por Bolsanello, dentro de linhas teóricas específicas das áreas citadas. Ou seja, dentro de cada uma das áreas de conhecimento acima citadas existem linhas conceituais completamente opostas às concepções racistas do comportamento humano.

A adesão de pesquisadores as teorias discriminatórias geraram um movimento que ficou conhecido como “racismo científico” e que marcou a origem de teses racistas na modernidade. Entre os exemplos de autores desta vertente, está Georges Vacher de Lapouge, antropólogo francês que considerava serem as raças divididas em inferiores e superiores, com o ariano no topo, como uma cultura superior. Igualmente importante é mencionarmos que atribuições históricas, que o consideram como o primeiro teórico racista, o denomina como sendo o “Conde Georges Vacher de Lapouge” (BOLSANELLO, 1996: 155), título atribuído por ele mesmo como parte de um alto reconhecimento, como membro do que ele chamou de “raça superior”.

Esse “racismo científico” também foi observado em outras áreas, como na arqueologia, cuja a interpretação tendenciosa de Gustaf Kossina (1858-1931) dos dados sobre o expansionismo indo-europeu, através das cerâmicas cordadas do calcolítico, levou-o a afirmar a arqueologia como a “mais nacional das ciências e os germânicos o mais nobre tema de pesquisa”. Kossina fundou a Sociedade Alemã para a Pré-história, quando foi designado como professor da Universidade de Berlin (1909). Mesmo posteriormente a sua morte, seus estudos sobre a pré-história germânica tornaram-se os principais componentes do currículo que o governo nazista adotou (TRIGGER, 2004: 159).

A exemplo desses atos, a difusão dos conceitos discriminatórios leva a consolidação de algumas políticas de “controle social”, visto que, “tendo suas raízes no econômico e no social, o darwinismo social, não tardou a vincular-se ao racismo e ao eugenismo”, da teoria de Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin. Essa teoria tinha como premissa, a criação de uma “elite genética” por meio do controle científico da procriação humana, onde “supostos humanos

inferiores seriam eliminados ou desencorajados de procriar” (BOLSANELLO, 1996: 155, *Apud*. THUILLIER, 1984).

Na metade final do século XIX, nos Estados Unidos da América (USA) e na Europa, também tiveram visibilidade as teorias racistas do médico Samuel George Morton:

Ele angariou fama em seu país e na Europa no século XIX disseminando a teoria de que a superioridade racial é corroborada pelo estudo dos crânios. Aqueles de estrutura mais complexa e avançada, um sinal inegável de inteligência e maior capacidade de raciocínio, seriam os de caucasianos. Seu argumento resistiu por 150 anos. Morton expôs sua classificação no livro “*Crania americana*”, lançado em 1839 [...] (GRANDELLE, 2014).

É preciso considerar que, esses conceitos surgiram com o ideal “liberal e democrático” do Iluminismo que tentaram tirar proveito do “prestígio da ciência como forma de justificar as desigualdades e tranquilizar as consciências diante de flagrante recusa do reconhecimento dos direitos de uma parcela da humanidade” (BOLSANELLO, 1996: 155).

Apesar de uma aparente superação dos conceitos racistas, apoiados pela aplicação de métodos científicos sobre pesquisas politicamente tendenciosas, a ausência de uma “ética científica” clara permite o surgimento esporádico de resultados que tendem a legitimar a supremacia racial em detrimento de outras.

3. Uma voz dissonante

Nesse aglomerado de ideais ferinas do final do sec. XIX, que Franz Uri Boas (1858 – 1942) compôs seus estudos. Todo o contexto do nascimento e da vida de Boas corresponde a um período de “rupturas”, como Bernardo (2007:75), mencionou de maneira tão assertiva:

[...] rupturas na continuidade das sociedades européias: ruptura da guerra de 1914, que afasta um passado que nunca tinha sido percebido como tal; ruptura entre “nacionalismos hostis”, revelando a que construção arbitrária se entrega um grupo, ou uma nação, quando quer fazer de sua história uma doutrina; ruptura na vida econômica que acentua a estratificação e a divisão de classes. Uma Europa que já sinalizava rupturas de todos os tipos faz com que Boas, nos primórdios do século XX, já se encontre em Columbia – Nova York (BERNARDO, 2007: 75).

Boas, “nasceu em meados do século XIX”, no dia 09 de julho de 1858, em Minden, Renânia, Alemanha, “em uma família judaica de alta posição social” (BERNARDO, 2007: 74). Iniciou sua carreira científica como Geólogo, na Sociedade Berlinense para a Antropologia e Pré-História. Posteriormente, tornou-se antropólogo e, em 1881 concluiu seu doutorado em Física. Assim, “essa formação interdisciplinar possibilitou-lhe ferramentas conceituais” como a comparação histórica “para seu recorte analítico em relação aos fenômenos sociais” [...] como resultante de um dos processos sociopsicológicos dos indivíduos (STOCKING, 2004). Boas iniciou suas pesquisas em trabalho de campo a partir de 1883 nas “Terras de Baffin” (STOCKING, 2004), a partir das quais chegou à conclusão que os elementos geográficos não eram fatores decisivos na formação do comportamento humano.

Em sua trajetória acadêmica e de produção científica, constam: “*Os Esquimós Centrais*”, publicado em 1888, e também, “*Raça, Linguagem e Cultura*” publicado em 1940, além de outras publicações como “*The Mind of Primitive Man*”, lançado em 1911 que marcou o início da relação

entre a Antropologia e a Arqueologia nos estudos produzidos por pesquisadores no contexto norte-americanos que desafiaram amplamente as alegações racistas e eugênicas sobre raça e inteligência, em particular a supremacia branca com base nos estudos de arte rupestre.

Boas “realizou pesquisas na costa norte do pacífico, entre os Kwakiutl e outras tribos da Columbia Britânica”. Foi em 1889, que alcançou o cargo de professor da Universidade de Columbia, onde marcou a influência que, dali em diante, exerceria sobre as pessoas daquele país, e de outras regiões do mundo. Entretanto,

Se a Europa, especialmente a Alemanha, mostrou ao jovem Boas o significado da discriminação, os EUA iluminarão um outro aspecto estarrecedor da desigualdade: o racismo. A situação norte-americana parece ter sido a gota d’água para que Boas criticasse o evolucionismo social e o racismo (BERNARDO, 2007: 75).

Como forma de enfrentamento e de desconstrução das falácias etnocêntricas e racistas provocada pelo método comparativo, Boas desenvolveu o que hoje é conhecido como “particularismo histórico”, ou culturalismo. Segundo sua percepção, “um mesmo fenômeno étnico pode se desenvolver a partir de diferentes fontes”, sendo assim “não se pode dizer que a ocorrência do mesmo fenômeno sempre se deve as mesmas causas, nem que ela prove que a mente humana obedece as mesmas regras em todos os lugares”. (BOAS, 2004: 90 *Apud*. SANTOS 2013),

Em se tratando de trabalhos de campo, Boas tornou-se um contraponto em relação aos antropólogos de gabinete de seus dias, e assim “estabeleceu um conceito de cultura que foi inaugural para o seu tempo” [...] (SANTOS, 2013), ao estabelecer o “método histórico” como alternativa ao método comparativo do evolucionismo, na qual o objetivo passou a ser a reconstrução histórica dos processos por meio dos quais o desenvolvimento cultural ocorreu (OLIVEIRA, 2014), pautado no Historicismo, em oposição ao Iluminismo.

Esta postura observacionista diferenciou Boas dos seus pares, pois, ao viver entre as tribos e conhecê-las, para depois tecer suas ideias sobre cultura, Boas pode afirmar que “não existe uma diferença significativa na maneira de pensar do ser humano primitivo e civilizado” (SANTOS, 2013), sendo esta diferença muito inferior à diferente entre humanos e animais. Enquanto isso, os antropólogos racistas de seus dias, escreviam se baseando em relatos, sem uma base fática observável.

Ele esclarece também que “apesar de não existirem raças inferiores ou superiores, há raças diferentes” (BERNARDO, 2007: 76) pois passam por etapas ou nível de desenvolvimento cultural específico.

Boas percebe o progresso como um avanço cultural caracterizado por [...] aumento e melhoramento das estratégias de um povo quanto a garantia de sua sobrevivência e quanto aos (II) instrumentos e atividades que surgem, mas que não são essenciais à vida, como a arte. É importante notar que esse conceito de avanço em Boas não cria superioridades e inferioridades, uma vez que um povo num todo, pode ter elementos mais ou menos avançados em relação a outro, ou consigo mesmo [...]. Boas, pelo seu ativismo político, vai influenciar toda uma sociedade predominantemente racista e etnocêntrica, enfrentando inclusive as tendências fascistas que surgiam no mundo, em especial na Alemanha de Hitler [...]. Suas ideias podem ser percebidas até hoje [...] (SANTOS, 2013).

Com sua produção científica embasada na análise de contextos reais, Boas causou um “corte profundo com a epistemologia” fútil e cruel, até então existente (SANTOS, 2013). Por isso,

podemos dizer que o legado de Franz Boas o colocou como um homem “além do seu tempo”, uma vez que não se rendeu ao discurso corrente, sendo que é assim que ele é e continuará sendo lembrado.

4. Uma síntese da atualidade

Diante desses apontamentos, entendemos ser as pesquisas e produções de Boas plenamente relevantes e contemporâneas ao nosso tempo, uma vez que, apesar do quase total abandono das teorias racistas como explicitação científica do comportamento humano, após a derrota militar da Alemanha nazista, em 1945, e a subsequente revelação abrangente de suas atrocidades de inspiração racista (TRIGGER, 2004), à uma parcela da humanidade continuam sendo negados seus direitos com base na argumentação das desigualdades sociais como reflexo natural e, irrefutável.

A jurisprudência em países considerados como “países ricos”, como a Alemanha e os Estados Unidos da América, frente à selvageria praticada contra minorias, tais como judeus, ciganos, homossexuais, comunistas, testemunhas de Jeová, negros, deficientes físicos e outros, não mostrou ser o suficiente para que novos abusos deixassem de ser cometidos em nome de ideologias subversivas. Supremacistas brancos, como no fato ocorrido em “*Charlottesville*”, Estados Unidos (US) (BBC, BRASIL, 2017), insistem no racismo e numa suposta inferioridade dos afrodescendentes e dos judeus.

No caso dos países “em desenvolvimento”, as pessoas em condição de vulnerabilidade social continuam sendo as mais suscetíveis aos ataques à dignidade humana. Filipinos (UOL, notícias. 2017, n.p) e Bolivianos, por exemplo são trazidos para o Brasil para trabalharem em situação análogas à escravidão para famílias ricas de São Paulo (BBC, BRASIL, 2016).

Por inúmeras mídias, encontram-se registrados casos como o de “Sulamita Mermier”, vítima de racismo numa praia do Rio de Janeiro (G1, RIO DE JANEIRO, 2016). Segundo a vítima, as ofensas duraram em torno de três horas, e ela ouviu insinuações quanto “aos pretos” serem uma sub-raça e que uma suposta ciência, comprovaria isso.

E mesmo em atividades de grupo, nas quais a unidade é essencial para o bom desempenho, é possível observar resquícios dum pensamento racista, visto que em torno deste mesmo período, “jogadores de futebol”, também passaram pelo constrangimento do racismo (LOURENÇO, 2014).

De fato, o etnocentrismo e o racismo, deixaram impressões profundas no histórico e na memória da humanidade e, em pleno século XXI, entendemos ser necessário a continuidade da desconstrução das falácias racistas. Nesse sentido, o engajamento voluntário de Franz Boas, torna-se um excelente exemplo a ser seguido e replicado por todos os pesquisadores como parte de um compromisso com uma produção científica inclusiva.

BIBLIOGRAFIA

GLÓRIA, Pedro J. T. - Seria a teoria da evolução darwiniana domínio exclusivo dos biólogos? Implicações da evolução biológica para as ciências humanas. **Revista da Biologia – USP**. Vol. 3., 2009, p. 1-5.



OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales - Memória Individual e Memória Coletiva. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 2, Vol. 13, 2017, p. 339-348.

TRIGGER, Bruce G. - **História do pensamento arqueológico**. Trad. Ordep Trindade Serra [revisão técnica. Lucas de Melo Bueno, Juliana Machado] São Paulo: Odysseus Editora, 2004. ISBN 85-88023-57-1.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

BBC. Brasil – **Charlottesville: Supremacistas brancos e grupos antirracismo entram em confronto**. [Em linha]. [Consult. 19 Ago. 2017] Disponível na WWW: <URL: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40913908>>.

BBC. Brasil - **Fiscalização flagra trabalho escravo e infantil em marca de roupas de luxo em SP**. [Em linha]. [Consult. 21 Set. 2013]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36574637>>.

BOLSANELLO, Maria Augusta - Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. [Em linha]. **Educ. rev. Curitiba**, n. 12, 1996, p. 153-165. [Consult. 05 Ago. 2017] Disponível na WWW: <URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100014&lng=en&nrm=iso>.

CARNEIRO, MLT. - Demônios renascidos das cinzas: reflexões acerca da intolerância no século XX e XXI. In LEWIN, H. (coord.) **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro** [Em linha]. [Consult. 25 Jun. 2017] 2009, p. 662-676. Disponível na WWW: <<http://books.scielo.org/id/583jd/pdf/lewin-9788579820182-57.pdf>>. ISBN 978-85-7982-018-2.

FERES JUNIOR, João - Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil: para além da teoria da modernidade. **Rev. bras. Ci. Soc.** [Em linha]. Vol. 21, n. 61, 2006, p. 163-176. [Consult. 28 Jun. 2017] Disponível na WWW: URL: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200009&lng=pt&nrm=iso>.

GRANDELLE, Renato - Estudo de crânios serviu como base à falha ciência do racismo. **O GLOBO**. [Em linha]. [Consult. 25 Jun 2017] 2014. Disponível na WWW: <URL: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/estudo-de-cranios-serviu-como-base-falha-ciencia-do-racismo-12370323>>.

LOCATELLI, Piero - Babás escravizadas trabalham meses sem descanso e com fome em condomínio de alta renda em SP. **UOL Notícias**. [Em linha]. [Consult. 21 Set 2017] (2017). Disponível na WWW: <URL: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/31/babas-escravizadas-trabalham-meses-sem-descanso-e-com-fome-em-condominio-de-alta-renda-em-sp.htm>>.

LOURENÇO, Leonardo - Racismo em estádios do país é reflexo da sociedade, dizem estudiosos. **GLOBO.COM**. [Em linha]. [Consult. 13 Set 2017] 2014. Disponível na WWW: <URL: <http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2014/09/racismo-em-estadios-do-pais-e-reflexo-da-sociedade-dizem-estudiosos.html>>.

OLIVEIRA, Flávio Silva - O Conceito de Cultura de Franz Boas e sua Oposição Historicista ao Evolucionismo Cultural do século XIX. **Anais eletrônicos do Congresso de História de Jataí**. [Em linha]. [Consult. 25 Jun 2017]. Disponível na WWW: <URL: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(90\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(90).pdf)>.

SANTOS, Harlon - Apontamentos sobre o Método Histórico e sobre o conceito de Cultura em Franz Boas. **Blog Observare**. [Em linha]. [Consult. 05 Ago 2017] 2013. Disponível na WWW: <URL: <http://wp.me/pFciT-6l>>.

SOUZA, Elisa - Vítima de racismo em praia do Rio diz que sente medo de sair de casa. G1 **Portal de Notícias**. [Em linha]. [Consult. 25 Jun 2017]. 2016. Disponível na WWW:<URL: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/08/vitima-de-racismo-em-praia-do-rio-diz-que-sente-medo-de-sair-de-casa.html>>.

STOCKING, George W, Jr. - Os pressupostos básicos da antropologia de Boas. **Franz Boas: A formação da antropologia americana 1883 – 1911**. [Em linha]. [Consult. 19 Ago 2017]. 2012. Disponível na WWW: <URL: <https://pegantropologia.wordpress.com/2012/03/04/sobre-o-antropologo-franz-boas-1858-1942/>>.

